

NOTAS

- 1) Dolor Barreira. *História da Literatura Cearense*. Fortaleza, Editora Instituto do Ceará Ltda., t I, 1948, p. 45.
- 2) Abelardo Jurema. "O Regionalismo na Ficção" (ciclo nordestino), *in A Literatura no Brasil*, dir. de Afrânio Coutinho, Rio de Janeiro, Editorial Sul-Americana, 2.^a ed., vol. III, 1968, p. 235.
- 3) Guilherme Studart. *Dicionário Biobibliográfico Cearense*. Fortaleza, Tipolitografia a Vapor, 1.^o vol., 1910, p. 181
- 4) Sílvio Júlio. *Terra e Povo do Ceará*. Rio de Janeiro, Livraria Carvalho Editora, 1936, pp. 99-100. (Sílvio Júlio fala em José Pacheco Lima, traído talvez pelo fato de a relação dos poemas de Espinosa, seu pai, figurar, no dicionário do Barão de Studart, no verbete a ele dedicado; é evidente que quis referir-se a Pacheco Espinosa.)
- 5) Carlos Studart Filho. *Artigos de Podestá Ribeiro*. Fortaleza, Gráfica Henriqueta Galeno, 1967, p. 63.
- 6) *Apud* José Aurélio Saraiva Câmara. *Capistrano de Abreu* (tentativa biobibliográfica). Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1969, p. 31.
- 7) *Apud* Guilherme Studart, *op. cit.*, p. 421.
- 8) Afrânio Coutinho. "A Crítica Naturalista e Positivista", *in A Literatura no Brasil*, cit., p. 21.
- 9) Araripe Júnior. *Obra Crítica de . . .* (org. de Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, vol. III, 1963, p. 309.
- 10) Tomás Pompeu. "Discurso", *in Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1929, p. 51.

- 11) São doze contos ao todo, dos quais merecem destaque “Corda Sensível”, “O Ar do Vento, Ave-Maria”, “A Melhor Cartada” e “Ódio”.
- 12) Péricles Eugênio da Silva Ramos. “A Renovação Parnasiana na Poesia”, *in A Literatura no Brasil*, cit., p. 90.
- 13) *Apud* Dolor Barreira. Op. cit., p. 308.
- 14) Falando deste romance disse Antônio Sales: “Depois de descrever a grande seca de 1877-1879, como historiador, na sua notável e hoje clássica *História da Seca no Ceará*, Rodolfo Teófilo quis descrevê-la também como romancista, e deu-nos o seu primeiro romance — *A Fome*, que não é senão a fabulação vigorosa daquela tremenda calamidade. Apesar de seus defeitos de composição devido à sua inexperiência do ofício, Rodolfo Teófilo traçou n’*A Fome* um quadro forte e fiel do nosso flagelo familiar, e criava sem premeditação a literatura regionalista que tem tido depois tantos e tão excelentes cultores.” (*in* Raimundo Girão e Martins Filho. *O Ceará*. Fortaleza, Editora Fortaleza, 1939, p. 100.)
- 15) Ismael Pordeus. “A Margem de *D. Guidinha do Poço*”, *in Revista da Academia Cearense de Letras*, ano LXV, 30, Fortaleza, 1961, pp. 13 a 156.
- 16) Braga Montenegro. *Correio Retardado*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1966, p. 56.
- 17) Lúcia Miguel Pereira. “Manoel de Oliveira Paiva”, Apresentação de *Dona Guidinha do Poço*. São Paulo, Edição Saraiva, 1952, p. 13.
- 18) Este era o seu nome literário, tal como figura em todos os escritos da época, e não *Manoel de Oliveira Paiva*, seu nome civil, posto apenas no poema *Vinte e Cinco de Março* (1884). Em *Zabelinha ou a Tacha Maldita*, de 1883, assinara *M. Oliveira Paiva*. Posteriormente, grafaria sempre *Oliveira Paiva*.
- 19) Adolfo Caminha. *Cartas Literárias*. Rio de Janeiro, Tipografia Aldina, 1895, p. 86.

- 20) Raimundo Girão. "Um Livro que Declamei na Montanha", *in Aspectos*, Secretaria de Cultura do Ceará, ano II, nº 2, jan. jun. 1968, pp. 70-1.
- 21) Pedro de Queirós. "O Simas — de Pápi Júnior", *in Revista da Academia Cearense*, t. III, 1898, p. 239.
- 22) Nestor Vítor. "Três Romancistas do Norte", *in Obra Crítica de Nestor Vítor*. Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, vol., I, 1969, p. 184.
- 23) Massaud Moisés. *A Literatura Brasileira Através dos Textos*. São Paulo, Editora Cultrix Ltda., 1971, p. 242.
- 24) Informa Abelardo Montenegro: "Augusto Franco, traçando o perfil bio-literário de Antônio Sales, afirma que ele trabalha, em 1903, num romance de costumes cearenses intitulado *Praciano*, que se compõe de quinze capítulos, estando já dez concluídos (*Unitário*, 24 de outubro de 1903). Somos levados a acreditar que *Praciano* e *Aves de Arribação* são o mesmo romance." (*O Romance Cearense*. Fortaleza, A. Batista Fontenele, 1953, p. 118.)
- 25) Revelação de Cruz Filho, que também esclarece ser Ipuçaba a vila de Soure, atualmente Caucaia (Cruz Filho. "Antônio Sales — algumas notas e recordações", *in Revista da Academia Cearense de Letras*, vol. III tomo I, 1941, pp. 67ss).
- 26) Alfredo Bosi, *O Pré-Modernismo*. São Paulo, Editora Cultrix Ltda., 2ª ed., 1967, p. 89. (Também não enfoca o tema da imigração, como o mesmo autor diz, em *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1974, p. 218.)
- 27) Transcrito de Leonardo Mota. *A Padaria Espiritual*. Fortaleza, Edésio Editor, 1938, pp. 25 a 31.
- 28) Moacir Jurema. *Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual, a contar de 30 de maio de 1892 (dia de sua fundação) a 28 de setembro de 1894*. Fortaleza, Tipografia d' A República, 1894, p. 11.
- 29) Segundo informa Leonardo Mota, na obra citada, José Carvalho foi o encarregado da tarefa, mas não foram pu-

blicadas mais que 35 quadras. Entretanto, observa o estudioso, “era inédita a quase totalidade da contribuição da Padaria Espiritual aos estudos folclóricos do Brasil”. (*Op. cit.*, p. 83.)

- 30) Guilherme Studart. *Op. cit.*, p. 23.
- 31) Leonardo Mota. *Op. cit.*, p. 33.
- 32) Antônio Sales. *Retratos e Lembranças*. Fortaleza, Castro e Silva Editor, 1938, p. 127.
- 33) In Francisco Júlia da Silva. *Mármore*. São Paulo, Horácio Belfort Sabino Editor, 1895, p. XXV.
- 34) Moacir Jurema. *Retrospecto*, cit., p. 7.
- 35) Adolfo Caminha. *Op. cit.*, p. 161.
- 36) Antônio Sales. “O Ceará Literário”, in *Almanaque do Ceará*, 1922, p. 437, e “História da Literatura Cearense”, in Raimundo Girão e Martins Filho. *O Ceará*, cit., p. 99.
- 37) Rodrigues de Carvalho. “O Ceará Literário (nestes últimos dez anos)” in *Revista da Academia Cearense*, t. IV. 1899, p. 197.
- 38) Rodrigues de Carvalho, *idem*, p. 195.
- 39) Antonio Sales. “História da Literatura Cearense”, in *O Ceará*, cit., p. 262.
- 40) *Apud* Leonardo Mota. *Op. cit.*, p. 53.
- 41) Leonardo Mota, *idem*, p. 54.
- 42) É este o soneto “A Cegonha”, de Aníbal Teófilo, composto provavelmente no Ceará, ao tempo do Centro Literário:

*Em solitária, plácida cegonha,
Imersa num cismar ignoto e vago,
Num fim de ocaso, à beira azul de um lago,
Sem tristeza, quem há que os olhos ponha?*

*Vendo-a, Senhora, vossa mente sonha
Talvez, que o conde de um palácio mago
Loura fada perversa, em tredo afago,
Mudou nessa pernalta erma e tristonha.*

*Mas eu, que em prol da luz, do pétreo, denso
Veu do Ser ou Não-Ser tento a escalada,
Qual morosa, tenaz, paciente lesma,*

*Ao vê-la assim mirar-se n'água, penso
Ver a Dúvida Humana debruçada
Sobre a angústia infinita de si mesma.*

(In Cruz Filho. *O Soneto*. Rio de Janeiro, Elos, 1961, p. 206).

- 43) Dolor Barreira. *Op. cit.*, t. I, p. 260.
- 44) Dolor Barreira. *Op. cit.*, t. II, pp. 48-9.
- 45) José-Maria de Heredia nasceu em Cuba em 1842 e faleceu em Paris no ano de 1905. Publicou *Les Trophées* em 1893. É talvez o mais impassível de todos os parnasianos franceses, atingindo, com Leconte de Lisle, à perfeição exigida pela corrente.
- 46) Além da gravação de 1925 (Odeon, nº 122.936), registre-se ainda o disco RCA Victor nº 80-0505-B de 1947, onde surge a modinha cantada por Carlos Galhardo e tendo Paraguassu como autor; uma segunda gravação, de data incerta, foi copiada em dois LPs do mesmo cantor. (Dados extraídos do artigo "A Pequena Cruz do Teu Rosário", de M. A. Azevedo (Nirez), in *O Povo*, Fortaleza, 12 de maio de 1973.)
- 47) Edigar de Alencar. *A Modinha Cearense*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1967, p. 99.
- 48) Renato Söldon. *Verve Cearense*. Rio de Janeiro, 1969, pp. 37-8.
- 49) Sales Campos. "Antônio Tomás", artigo publicado no *Diário do Estado*, em 24 de agosto de 1918.
- 50) Dinorá Tomás Ramos. *Padre Antônio Tomás — Príncipe dos poetas cearenses*. Fortaleza, Tipografia Aragão, 2a. ed., 1958, p. 58.
- 51) José Albano grafou, nos livros de 1912, *Cançam, Camoens, coraçam, tam, sam*, etc. Isto, porém, tanto pode ser um significante característico da dicção do poeta, como um

recurso tipográfico, já que foram as obras editadas na Espanha. Tendemos para a última hipótese pelo fato de, na *Antologia Poética de José Albano*, publicada sob as vistas do poeta, em 1918, já não figurar tal grafia. Lembre-se ainda, a propósito, que a forma *Camoens* é castelhana.

- 52) Antônio Sales. Prefácio não utilizado para as *Rimas* de José Albano (*In Aspectos*, Secretaria de Cultura do Ceará, ano I, nº 1, 1967, p. 150).
- 53) Braga Montenegro. *José Albano*. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, Coleção "Nossos Clássicos", nº 30, 1958, p. 12.
- 54) Exemplo da poesia de caráter científico, praticada pelo poeta, é o soneto "As Dimensões do Espaço":

— *"A quarta dimensão do espaço, — brada
O filósofo — é o tempo." E a gente fica
Na mesma, sem saber como se explica
A forma do Incorpóreo, igual a nada!*

*A lei da avaliação, corporifica
Do espaço, uma porção determinada
Com relação a um corpo. O resto implica
Só a extensão vazia e ilimitada.*

*Se a sua altura é igual à profundidade
E se a largura é igual ao comprimento,
Há uma dimensão única, — a extensão.*

*Se esta é a primeira e o tempo é a quarta, acesa
Fica a questão sem desenvolvimento...
E as outras duas dimensões quais são?*

(Serra Azul. *Natureza Ritmada*. Fortaleza, Ramos & Pouchain, 1938, p. 87.)

- 55) São dignas de nota as trovas de Antônio Sales, como estas:

*Achei-te tal diferença
Quando de novo te vi,*

*Que, estando em tua presença,
Tive saudades de ti.*

*Uma paixão bem ardente
É como o vento do mar:
Sopra, e vai queimando a gente,
Sem que se sinta queimar.*

Isso, para não falar do epigramista:

Frase Errada

*“É muito cheio de si!”
Dizem de ti. Frase errada!
Eu coisa alguma já vi
Que esteja cheia... de nada...*

A Duas Amarras

*Vi um médico fardado;
Que completo matador!
Quem escapar do soldado
Não escapa do doutor.*

- 56) Cruz Filho. “Alf. Castro.” *In Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, ano LVIII, nº 26, 1954, pp. 161 a 182.
- 57) P. Commelin. *Nova Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro, Livraria Garnier, tradução brasileira de Tomás Lopes. 5ª ed., 1921.
- 58) *Apud* Raimundo de Menezes. *Emílio de Menezes, o Último Boêmio*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 2ª ed., 1960, p. 202 (Infelizmente o ensaísta cearense não precisa a data da publicação do referido soneto de Júlio Maciel).
- 59) Antônio Sales. “O Ceará Literário”, *in Almanaque do Ceará*. Fortaleza, 1922, p. 449.
- 60) O poeta deveria ter escrito *fragas* (escolhos, rochedos), e não *fráguas* (fornalhas). Lívio Barreto diversas vezes fez o mesmo, o que nos levou a fazer um comentário que se aplica perfeitamente a Carlos Gondim: “Errou o Poe-

ta, seduzido pela rima. Ocorre, entretanto que, como ele, figuras de prestígio nacional fizeram o mesmo. Olavo Bilac, em 'O Caçador de Esmeraldas', depois de falar nas águas das lagoas, referiu-se aos rios, que iam, 'em quedas e bramidos', *mordendo os alcantis, roncando pelas fráguas*. O mesmo fizeram Alberto de Oliveira ('A Torrente'), Francisca Júlia ('A Um Poeta'), Fontoura Xavier ('Um Prólogo'), e vários outros." ("Lívio Barreto e o Simbolismo no Ceará", Apresentação de *Dolentes*, 2ª ed., cit.. p. 21.)

- 61) "Teia de Aranha" é, a nosso ver, o mais belo e mais parnasiano soneto de Epifânio Leite:

*Leve, flutuando ao sol, num debuxo de renda,
Fulge a teia de granha em reflexos de prata;
E a fiandeira, a correr de ponta a ponta, emenda
Cada fio de luz que o meio hostil desata.*

*Chega um dia, no entanto, em que a esquisita senda
Sofre um revés maior, que a desfibra e arrebatada;
E a aranha, sem que um fio a mais desdobre e estenda,
Assiste, muda e aflita, àquela cena ingrata.*

*Sonho! Teia de aranha ao sol da mocidade!
Alma! Aranha a tecer a frágil urdidura
Que o sopro da descrença a pouco e pouco invade!*

*Um dia, o sopro mau por terra os fios deita;
E alma, vencida, chora, e nunca mais procura
Erguer um fio só da trama azul desfeita...*

(Escada de Jacó. Fortaleza, Livraria e Papelaria Ribeiro, 1924, pp. 33-4.)

- 62) Alfredo Bosi. *O Pré-Modernismo*. São Paulo, Editora Cultrix Ltda., 2ª ed., 1967, p. 11.
- 63) Assim está no livro póstumo de Mário da Silveira; entretanto, Jáder de Carvalho, confrade e contemporâneo do poeta, sustenta que este havia escrito, na verdade, *rosas anímicas*, ou seja, espirituais.

- 64) Mário Linhares. *Poetas Esquecidos*. Rio de Janeiro, Pongetti, 1938, p. 263.
- 65) Agrippino Grieco. *Evolução da Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro, Ariel Editora Ltda., 1932, p. 259.
- 66) Artur Eduardo Benevides. "Apresentação de Filgueiras Lima." *Poesias*. Fortaleza, Editora Instituto do Ceará, 1966, p. 13.
- 67) Num livro sobre Demócrito Rocha, no capítulo intitulado "Poema Telúrico em 60 Minutos: 'O Rio Jaguaribe' e Sua História", Paulo Sarasate narra como foi escrito o poema: faltando matéria para completar a quarta página da edição de aniversário d' *O Povo*, apelou Sarasate para Demócrito (Sarasate era redator-secretário e Demócrito Diretor), que ao cabo de uma hora lhe leu o poema, dizendo-lhe: "Veja se isso presta!" Conclui o jornalista e político cearense: "Foi assim que se escreveu, em 60 minutos, um poema telúrico de excepcional vigor, sobre um tema afinado com os anseios de uma região angustiada, num ritmo de prodigiosos efeitos cênicos e numa linguagem em que as palavras mais simples se encadeiam com as apóstrofes rebeldes, como algo de envolvente na arquitetura geral da originalíssima concepção poética." (Paulo Sarasate. *O Rio Jaguaribe é uma Artéria Aberta*. Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos S.A., 1968, p. 114.)
- 68) Rolando Morel Pinto. *Estudos de Romance*. São Paulo Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1965, pp. 11-2.
- 69) Braga Montenegro. "Resumo Histórico da Literatura Cearense", in *Clã* nº 16, setembro de 1957, p. 55.
- 70) Braga Montenegro. "A Atualidade Literária do Ceará", in Antônio Martins Filho e Raimundo Girão. *O Ceará*. Fortaleza, Editora Instituto do Ceará, 3ª ed., 1966, p. 274.
- 71) Joaquim Alves. *Autores Cearenses*. Fortaleza, Edições Clã, 1949, p. 31.
- 72) Referimo-nos a *Alguns Poemas* (Edésio Editor, 1938), de Antônio Girão Barroso, e *Manhã de Amor* (Edésio Editor, 1938), de Mancel Albano Amora.

- 73) Moreira Campos. "Uma Excelente Novela", in *Clã* nº 23, janeiro de 1967, p. 134 (Otacílio Colares tratou do *Dois de Ouros*, em "Um Momento na Ficção do Ceará", in *Clã* nº 24, dezembro de 1968, pp. 92 a 98, em que estuda também o romance *Nada de Novo Sob o Sol*, de Lúcia Fernandes Martins.)
- 74) Joaquim Alves. *Op. cit.*, p. 32.
- 75) Braga Montenegro. "A Atualidade Literária do Ceará", *Op. cit.*, p. 276.
- 76) Braga Montenegro. "Eduardo Campos, Contista", Introdução a Eduardo Campos. *O Abutre e Outras Esfórias*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1968, pp. 16-7.
- 77) *Apud* Braga Montenegro, Introdução citada, p. 19.
- 78) In Artur Eduardo Benevides. *O Viajante da Solidão*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1969.
- 79) Manuel Bandeira. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1957, p. 91.
- 80) Braga Montenegro. "A Atualidade Literária do Ceará", *op. e loc. cit.*
- 81) Moreira Campos. "Por Que Estes Contos". Introdução aos *Contos Escolhidos*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1971, p. 12.
- 82) "A forma livre consagrada pelo modernismo ortodoxo virara fôrma" disse Lêdo Ivo ("45: Uma Nova Liberdade no Rigor da Disciplina", in *Diário de S. Paulo*, 22 de agosto de 1965).
- 83) Maria Luíza Ramos. *Fenomenologia da Obra Literária*. Rio de Janeiro, Forense, 2ª ed., 1972, p. 66.
- 84) Maria Luíza Ramos. *Op. cit.*, p. 70.
- 85) Guilherme de Almeida. "Os Meus Haikai". In *Anuário Brasileiro de Literatura*. Rio de Janeiro, 1939, p. 21.
- 86) Braga Montenegro. "A Maneira de Apresentação", in Horácio Dídimo. *Tempo de Chuva*. Fortaleza, IUC, p. 6.

- 87) *Apud* Péricles Eugênio da Silva Ramos. *Poesia Moderna*. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1967, p. 470.
- 88) *Idem*, *ibidem*.
- 89) Pedro Lyra é o criador do poema-postal, tentativa de fusão de poesia e artes visuais.
- 90) *Apud* Guilherme Studart. *Dicionário Biobibliográfico Cearense*. Fortaleza, Tipolitografia a Vapor, vol. I, 1910, p. 38.